

## EVOLUÇÃO DO GRAFISMO INFANTIL: MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Milena Oliveira de Lira <sup>1</sup>

*Sou hoje um caçador de achadouros da infância.  
Vou meio dementado e enxada às costas  
cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.*

*Manoel de Barros*

O presente trabalho tem o objetivo de investigar o papel do professor no desenvolvimento do grafismo infantil, a partir das memórias de infância da autora, Milena Lira. A pesquisa bibliográfica fundamentada em Iavelberg Rosa (2013) sondará quais conhecimentos específicos sobre a história do desenho infantil e sua evolução, faltaram aos docentes que acompanharam a autora em sua chegada à escola, gerando equívocos didáticos e entraves duradouros em seu desenvolvimento. Imersa em um ambiente escolar carente de diálogos com o mundo da arte, a autora teve seu desenvolvimento artístico tolhido.

Para Rosa (2013) o desenho infantil é uma importante atividade simbólica que envolve aspectos motores, afetivos, sociais e cognitivos. Preenchendo os vazios de uma folha, a criança está se comunicando, revelando impressões, sentimentos e percepções do mundo que a cerca. Entendendo que esta atividade pode ser tão prazerosa quanto significativa na rotina das crianças, investigaremos quais conhecimentos acerca da história do ensino do desenho infantil e sua evolução, faltaram aos docentes que a acompanharam durante a trajetória escolar? Por que uma criança perde o interesse em uma atividade que se fazia, inicialmente, tão prazerosa? Por que uma criança desenhista torna-se uma adolescente insegura, ansiosa, que se nega a desenhar e teme às folhas em branco?

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [milenalira.ufrn@gmail.com](mailto:milenalira.ufrn@gmail.com);

De acordo com a autora citada, a evolução do desenho infantil não é um processo isolado, que ocorre sem intervenções pedagógicas, é um processo que necessita da mediação de professores conscientes de seu papel na configuração de uma didática do desenho. Uma ação educativa intencional e bem informada, organiza experiências onde essa criança “desenhista” será desequilibrada pelo contato e interação com o desenho de outras crianças, adultos e artistas. O reequilíbrio será realizado num processo autoral de construção do percurso de criação individual.

Segundo Rosa (2013, pág. 16), “o desenho da criança dialoga com a arte adulta, não para copiá-la, mas para dela aprender e assimilar conteúdos artísticos.” Nesse constante diálogo a criança vai sendo nutrida de outros mundos poéticos que possibilitam o avanço do grafismo infantil para níveis subsequentes e o consequente apuro do senso de estética.

Durante este percurso o professor precisa ser acolhedor e incentivador, acompanhando o processo de cada criança em suas singularidades, rumo à construção de uma poética pessoal.

Rememorando as experiências com o desenho, Milena Lira recorda do prazer que sentia ao usar essa linguagem e apresentar suas produções, contando as histórias dos desenhos para a mãe, em diálogos férteis e repletos de ternura. As acolhidas eram sempre sensíveis, questionadoras e motivadoras. De acordo com Rosa (2013), o desenho apresenta a característica de uma proposição poética, um construto social, cujo desenvolvimento se concretiza com a intervenção dos fatores do meio, da educação e da própria criança. O processo de desenvolvimento dessa linguagem se dá através do diálogo com outros desenhos, de artistas, ou crianças. Dialogando com a arte adulta a criança assimila conteúdos artísticos e trilha um caminho com vistas a alcançar sua poética pessoal. Durante esse percurso de aprendizagem, o desenho infantil vai evoluindo e se aperfeiçoando, numa prática autoral onde a criança é protagonista.

O conceito de desenho do qual iremos tratar é o *desenho cultivado*, cujo desenvolvimento, em conformidade com Rosa (2013), inicia-se nos primeiros rabiscos e segue até o desenho de proposição, num processo onde é concedido lugar de destaque à voz do desenhista.

A metodologia escolhida para o trabalho está inserida em uma abordagem qualitativa de pesquisa, cujo postulado básico é a construção de significados por parte dos envolvidos na pesquisa. Assim sendo, utilizamos a auto-observação e análise documental,

como procedimentos de construção dos dados, ao resgatarmos as memórias de infância, através de fotos e conversas com familiares.

## TRILHANDO AS FASES DO DESENHO CULTIVADO

A autora passou naturalmente pela fase do **desenho de ação** com rabiscos e diagramas espalhados por diversas superfícies, papel, chão, paredes e tantas outras. Para Rosa (2013), o desenho nessa fase é uma ação sobre uma superfície com repetidas explorações e investigações por parte dos desenhistas, uma prática de diferentes tipos de linhas, sem significado simbólico. Eventualmente pode ocorrer uma simbolização lúdica, no momento da feitura da produção, ou no momento imediatamente posterior.

Durante a fase do **desenho de imaginação I**, as produções de Milena Lira representavam elementos de forma isolada, apareciam casas, flores, muitas flores, pessoas da família e objetos, todos nomeados, por que já reconhecia alguns elementos do mundo real e imaginário. Estabelecendo uma relação simbólica com as figuras representadas, as nomeava e com elas produzia narrativas que entretinham a mãe.

Durante a fase do **desenho de imaginação II**, os elementos apresentados na fase anterior: casas, flores, pessoas da família e objetos, permaneceram, mas não de forma isolada, estavam articulados dentro de um contexto, onde as partes e o todo se relacionavam dentro de uma só narrativa. Outros elementos foram acrescentados, como árvores, sol, nuvens. Os diálogos se intensificaram com enredos cada vez mais complexos. Um diálogo, em especial, ficou marcado na memória da mãe, sendo recontado, várias vezes, durante toda a infância e adolescência da autora. Com a repetição sempre afetiva da narrativa, Milena Lira chegou a apropriar-se da fala, a qual transcreveremos a seguir:

*Mãe: O que você desenhou?*

*Criança: O céu... tem eu, papai do céu, flores, nuvens e o sol.*

*Mãe: Mas você está sozinha no céu? Onde está mamãe, papai e seus irmãos?*

*Criança: Vocês estão no céu, também, numa parte mais pra frente, mas o papel acabou...*

Durante a fase do **desenho de apropriação**, aconteceu um possível entrave, aquele prazer presente no momento da produção do desenho, foi substituído, aos poucos, por uma verdadeira aversão à atividade tão praticada nos primeiros anos da infância. O interesse, comum nessa etapa, por assimilar regularidades da linguagem do desenho, presentes na cultura em que a criança está inserida, não se efetivou. Nessa etapa do desenvolvimento, as crianças, geralmente, se interessam em aperfeiçoar a representação do espaço e a construção de formas, contudo, no percurso da autora, isso não se concretizou. Ela permaneceu com os mesmos símbolos aprendidos, sem apropriação de novos conteúdos artísticos. Durante essa fase começou, também, a perceber que os desenhos de seus colegas eram elogiados pelas professoras, ao passo que, recebia o silêncio como resposta, quando entregava suas produções. Essas percepções foram gerando uma crescente ideia sobre o seu fracasso enquanto desenhista. De acordo com Rosa “... a relação que o professor estabelece com cada desenho é essencial para a criança. Seu interesse e a relação afetiva calorosa importam à criança...” (2013, p. 33 e 34)

Para que a relação do professor com a obra de suas crianças seja mais verdadeira é preciso que este acompanhe cada processo em suas singularidades: observando enquanto ela desenha, ouvindo suas falas, percebendo seus movimentos, o que desenha, quais materiais usa, como interage com as demais, ou até mesmo sua insegurança para desenhar. Percebendo essas particularidades, o professor poderá fazer intervenções mais reais e próximas da realidade dos alunos. Ao questionar acerca do desenho da criança, é interessante pedir que ela relate a história do seu desenho, ou como Rosa (2013) traz, pedir que fale sobre seu trabalho. Com esse tipo de abordagem, o professor tece um relacionamento mais positivo com o desenho da criança, buscando referências no próprio percurso de desenvolvimento.

Esta ideia concebida sobre o próprio insucesso artístico ganhou força ao chegar numa nova escola, aos 11 anos de idade, antiga 6ª série do Ensino Fundamental. Era uma turma onde, a grande maioria dos alunos, encontrava-se na fase do **desenho de proposição**, com domínio de técnicas e autonomia na construção poética de suas obras.

A criança que amava desenhar e contar a história de suas produções, passou a comparar suas obras com a dos colegas, as quais considerava superiores. Como consequência dessa recente baixa-estima, a adolescente passou a adotar uma postura

aparentemente defensiva, afirmando não saber desenhar e com grande temor das folhas em branco.

O professor de arte da escola da autora, que cursava, na época, a 6ª série do Ensino Fundamental, poderia ter planejado momentos de interação entre os colegas durante a produção de seus desenhos. Planejando momentos de interação, poderia orientar o grupo a consultar as colegas mais experientes, diante de um problema na execução do seu desenho. Atividades dessa natureza, permitem que o aprendiz observe a técnica do outro e encontre uma possível solução, além de ampliar o repertório artístico do desenhista. Apesar de possibilitar o intercâmbio de conhecimentos entre pares, a atividade necessita ser bem acompanhada pelo professor, estabelecendo combinados e acordos que evitem relações de dominação e ataques à segurança de quem está aprendendo.

A autora recorda de diversas aulas de Arte, onde eram entregues folhas de ofício em branco para desenhar, sem diversificar meios, suportes e instrumentos. O contato com produções de artistas era muito restrito, o que impedia um diálogo mais profícuo com os conteúdos artísticos e um consequente enriquecimento do repertório visual.

Quanto à diversidade de materiais Rosa (2013, p. 66) nos diz que “... cria muitas oportunidades para aprender a desenhar – e se as variações de materiais existem no mundo da arte, a escola deve acompanhá-las.” Não apresentar a Arte da forma como ela ocorre na sociedade, com toda a pluralidade de cores e técnicas, empobrece o trabalho com a crianças e adolescentes, dificultando esse rico diálogo que favorece o desenvolvimento do grafismo.

### **(IN) CONCLUSÕES: “A PROFESSORA QUE NÃO SABIA DESENHAR”**

Aos 14 anos de idade, Milena Lira concluiu o Ensino Fundamental e iniciou o curso do Magistério: a menina que “não sabia desenhar” decidiu ser professora. Ao se deparar com os fazeres da rotina pedagógica, percebeu que precisaria, eventualmente desenhar, quer fosse para preparar recursos de sala, ou até mesmo para servir de modelo de desenho para as crianças. Como fazer isso? Se reprovava as próprias produções, como fazê-las na frente de um público? Durante as vivências do Magistério, participação em oficinas e estágios supervisionados, a autora pode ir trabalhando, progressivamente, o bloqueio que a impedia de desenhar com outras pessoas observando.

Após alguns anos de prática docente, convivendo, ainda, com uma certa limitação artística, decidiu iniciar o Curso de Aperfeiçoamento em Artes Visuais, ofertado pelo NEI/CAP-UFRN, no ano de 2016. Ao iniciá-lo, tinha um objetivo em mente: ampliar o olhar para as diversas formas de expressões artísticas, buscar novos saberes e fazeres para sua prática, oportunizando aos alunos o que lhe foi negado, um diálogo rico com o mundo da arte e a construção autônoma e criativa dos percursos poéticos individuais.

Rememorando todo o processo de desenvolvimento de seu grafismo infantil, desde o encantamento e fertilidade do início, passando pelos entraves, até chegar à prática docente, a autora percebe a relevância da mediação consciente do professor, na configuração de uma didática do desenho, através de ações educativas intencionais, bem informadas e organizadoras de experiências múltiplas e dialógicas, que oportunizem à criança o desenvolvimento de todo seu potencial artístico.

**Palavras-chave:** criança; desenho; professor.

## **REFERÊNCIAS**

ROSA, Iavelberg. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.